

REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: REPENSANDO METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

RIO DE JANEIRO/RJ MAIO/2017

ANA LÚCIA GUIMARÃES - CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA - profanaluciaguimaraes@gmail.com

ANA CECÍLIA MACHADO DIAS - CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA - acmdana@gmail.com

HELOÍSA ARGENTO - FACULDADE DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO - argentoh@gmail.com

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Categoria: PESQUISA E AVALIAÇÃO

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

Este artigo aborda a relação redes sociais e educação com a perspectiva de identificar o movimento de atualização e aplicação de novos olhares e práticas docentes no que se refere ao uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de pensar como as atitudes e comportamentos dos atores da educação atual, podem e devem estar desenhando práticas inovadoras a partir de tecnologias e caminhos midiáticos, que revelam aprendizagens colaborativas.

Palavras-chave: redes sociais, educação, ensino-aprendizagem, metodologias

Introdução

Segundo Negroponte (2003)[1], as sociedades avançam levando em conta sentidos e significados, construídos para organizar sua vida cotidiana, suas necessidades econômicas e culturais locais, devemos considerar esse movimento incessante como a cultura dos indivíduos pós-modernos que está sendo recriada em suas interfaces com novos saberes que a sociedade do conhecimento, a “vida digital”, nos apresenta a todo instante.

Assim, para Nogueira (1993)[2], a multimídia é um dos recursos educacionais que permitem a construção do conhecimento de forma interativa e não-linear. Ela pode oferecer a estudantes e professores um espaço simples e aberto para a criação, em busca de uma visão ampla a respeito do tema em estudo, com a possibilidade deles próprios controlarem seu ritmo de trabalho, a seqüência e os objetivos de seu aprendizado. Um ambiente multimídia de aprendizagem.

Forcheri et al.(2000), a aprendizagem pode ser desenvolvida de duas maneiras: com base em atividades individuais e de grupos; estas últimas implicando necessariamente em colaboração. Sugere inclusive que encontramos exemplos destas estratégias de aprendizagem nas listas de discussões usadas em ambientes virtuais de aprendizagem que têm como objetivo criar um repositório de informações que permita aos usuários trocarem informações e se ajudarem mutuamente.

Para Lévy (1994)[3] existe o terceiro nível da interatividade, não mais do tipo um-todos, nem um-um, mas do tipo todos –todos, em que os sujeitos podem trocar, negociar e intercambiar diferentes experiências ao mesmo tempo. Hoje, podemos encontrar esse tipo de interatividade em algumas tecnologias síncronas, como os chats e a videoconferência. Os saberes e as informações passam, então, a serem dispostos de forma associativa na rede a qual pertencem, modificando a lógica de acesso aos mesmos e, 5 Tecnologias em Educação . Ele também mostra que funciona “como uma inteligência globalmente distribuída, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que conduz uma mobilização efetiva das competências”

Nesse sentido, compreendemos que a era da tecnologia, a sociedade da informação, o avanço da educação virtual e toda complexidade de fenômenos sociais e sociológicos que nascem com a Pós-Modernidade, precisam de apreciação e definição de forma incisiva e constante.

Repensando Metodologias e Estratégias de Ensino-aprendizagem

Debater sobre conceitos inovadores é dizer que o tempo está passando e que os educadores e professores precisam entender que existe hoje uma real necessidade de fazermos uma prática de ensino diferencial ou então seremos todos devorados por uma série de métodos e tecnologias que atraem e ao mesmo tempo dinamizam contextos de aprendizagem. Claro está que a capacidade de criar e reinventar maneiras e propostas de ensinar e aprender não nos serão destituídas jamais, pois temos esta habilidade que pode ser traduzida em inúmeras experiências que colecionamos de forma competente, no entanto, pensamos que se conseguirmos promover uma dinâmica com o uso da tecnologia em nossas aulas, saberes e fazeres educacionais mais próximo de uma aprendizagem significativa estaremos. Com isso, é preciso desenvolver a percepção de que quanto mais nos esforçamos para entrar no contexto da sociedade da informação, em que as mesmas circulam de forma veloz e são rapidamente, também, transformadas em conhecimento, mais as atuais gerações que precisam ser educadas e formadas social e profissionalmente, estarão interessadas e prontas para adquirirem novos conteúdos.

Portanto, aprender fazendo, agindo, experimentando é o modo mais natural, intuitivo e fácil de aprender. Através de projetos de aprendizagem, a responsabilidade e a autonomia dos alunos são essenciais, tornando-os co-responsáveis pelo trabalho e pelas escolhas ao longo do estudo. De um modo geral, esses processos partem do levantamento das aptidões e competências que o professor pretende desenvolver com seus alunos; quando se valem das mídias digitais, têm suas possibilidades ampliadas.

Considerando que inovação, avanço da tecnologia e novos modelos pedagógicos de formação dos indivíduos para os desafios futuros, vêm neste caminho, a presença forte do componente empreendedor. O mundo que se descortina para o futuro é o mundo em que as pessoas possuem cada vez menos tempo para estudar, trabalhar e produzir inovações. Então é preciso conseguir lidar com a administração do tempo e a adaptação a produção de novos conhecimentos, através do desenvolvimento de uma competência empreendedora. Por isso, temos que ter este conceito também de acordo com o entendimento que pretendemos referir aqui.

Ao mergulhar no cotidiano escolar, com todos os sentidos/ percepções apuradas, logo chegamos à compreensão que a escola real e virtual é um lugar privilegiado, é uma das instâncias possíveis para a sistematização de ações voltadas para efetivar a formação continuada dos professores, posto que é neste espaço que cotidianamente os professores “tramam” suas práticas.

Portanto, compreender e interpretar este fazer docente e desvelá-lo com o objetivo de

apontar saídas para a melhoria/aperfeiçoamento do processo ensino/aprendizagem, requer uma criteriosa investigação sobre esse cotidiano. Pretendemos então, tomar a prática dos professores, enquanto lógica verdadeira, caminho enunciativo de práticas significativas, práticas inventoras do espaço escolar. Prática que deve ser privilegiada e considerada, quando do trato da questão da formação continuada. E por que não em um espaço escolar de aprendizagem virtual? Por que não fazer o uso das redes sociais para favorecer esta aprendizagem?

Podemos afirmar que, torna-se cada vez mais urgente a capacitação do professor para atuar na educação a distância via ambientes virtuais de aprendizagem. As experiências pelas quais temos vivenciado através do acompanhamento e mediação dos professores tutores dos diferentes espaços geográficos da região sudeste e nordeste, têm contribuído para validar os pressupostos que até então vem sendo explicitados por diferentes autores da área.

Percebemos com muita clareza que muitos professores, embora apresentem um conhecimento prévio sobre o uso da informática e internet, ainda necessitam de conhecimentos específicos à metodologias que sejam pertinentes ao ensino online e ao uso de ferramentas como as redes sociais. Deve-se assim, ter muita atenção para experimentar as diferentes formas de interação e comunicação, utilizar as ferramentas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, descobrir as possibilidades de uma mediação pedagógica, compartilhando com outros professores, as informações adquiridas a partir da própria prática, das orientações recebidas através dos professores- tutores que já ministraram cursos on-line ou mesmo através do trabalho em grupo; leituras e discussões de textos sobre educação a distância.

Redes Sociais, interação e aprendizagem

Ao resignificar culturas as diretrizes da sociedade do conhecimento como pilar do avanço da globalização apresenta um novo conceito de cultura e educação que precisam estar intimamente articulados na produção de novas formas de aprendizado e produção de conhecimento.

O aprendizado presente no uso das Redes sociais é um componente significativo para as gerações de hoje. A geração Y, para Tapscott (2008)[4], apresenta características principais que residem em um amplo mergulho na interatividade, hiperestimulação e plataformas digitais. São curiosos, alegres e flexíveis, adaptam-se rapidamente às mudanças. Esses indivíduos nascidos a partir dos anos 80, compõem a chamada geração da internet, ou geração do milênio. Rifkin (2001)[5] aponta a geração Z como

indivíduos que nasceram a partir dos anos 90, percebidos como nativos digitais, que zapeiam canais, alternativas de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Eles não conheceram o mundo sem computador, sem redes sociais, sem telefones celulares.

Para Prenski (2010)[6] os alunos se redefinem e, portanto, nunca são os mesmos para este modelo educacional que foi feito para eles, pois as tecnologia móveis integram suas vidas e devem ser consideradas para sua educação.

Para Coutinho & Quartiero (2009)[7], ao consumir imagens, textos, programas, vídeos, entre outros, o indivíduo volta-se para a crença de que determinados saberes, que são compartilhados pela conectividade das redes virtuais, são verdadeiros e reais, pois esta perspectiva influencia diretamente nossos sentimentos, códigos e significados, construídos historicamente.

As redes sociais estão presentes na vida de quase todos os indivíduos em contextos atuais. Ela tem gerado muitas interações e trocas afetivas e de saberes em comunidades de aprendizagem, já que funcionam como agente facilitador do compartilhamento de informações, de temáticas debatidas nas salas de aulas, também como promotor de organização de grupos de estudo e trabalho. Além disso, pode ser responsável por agilizar e facilitar as comunicações entre os diferentes atores e segmentos de uma Instituição escolar.

Mattelart (2006)[8] nos adverte então, sobre o fato de que nessas trocas virtuais de conhecimento e saberes, pode ocorrer a ausência de senso crítico sobre o contexto e o conhecimento que circula. Por isso, a aquisição de novas ideias e valores é construída porque há a visão de que o conhecimento deve ser buscado de forma sistêmica, no entanto, marcando que este conhecimento não é estático, mas sim dinâmico e processual e remete-nos a ênfase de que todo educador deve ser devidamente qualificado, passar por processos de capacitação e saberes, com atividades humanas que comportem dimensões técnicas e psicossociais.

Quando temos professores, educadores devidamente inseridos em uma lógica de formação continuada, é possível fazer um trabalho muito fecundo com o uso das redes sociais. Para Nóvoa (1992)[9] ao conceito de formação continuada está preso a uma reflexão da prática sobre a prática, com dinâmicas que trabalhem a investigação de ações e formações, buscando entender histórias e trajetórias dos docentes. Peters (1998)[10] nos diz que a educação não termina no último certificado que você obteve, estudar deve ser para a vida toda, sem interrupções. Para ele, a educação é o “grande jogo” que se deve jogar e vencer na economia global.

Entendemos, pois, que trabalhando com a aprendizagem colaborativa pode-se resgatar a sala de aula em um novo tempo e um novo espaço. Os alunos preservam a idéia de "turma", mas o tempo é outro - é assíncrono. E a sala está em um outro espaço - o ciberespaço, que permite coisas inimagináveis, diferentes do ensino por correspondência, via rádio ou do que se faz através da TV educativa; possui inusitadas possibilidades de interação, envolvendo alunos e professores no contexto de uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa.

Até aqui, podemos dizer que a autonomia, interatividade e a aprendizagem colaborativa são certamente, elementos fundamentais, que precisam ser bem compreendidos para que se possa dinamizar o ensino on-line. Na realidade, eles são estruturadores das dinâmicas, das atividades didáticas, das inter-relações entre os sujeitos envolvidos na ação educativa e do próprio processo de crescimento dos alunos e professores.

De qualquer maneira, podemos dizer que o modelo de ensino virtual atende em grande parte as demandas das gerações atuais em formação, pois estas anseiam por aprender de forma colaborativa, aprender com o uso de seus celulares, tablets e smartphones. Mas há de se registrar que o uso da tecnologia colabora sim para o desenvolvimento de aulas mais diferenciais, inovadoras e criativas, no entanto, o resultado final desta perspectiva de ensino dependerá muito do projeto a ser desenvolvido pelo professor, bem como da metodologia adotada e o direcionamento pedagógico.

O Uso das Redes Sociais não pode mais ser desconsiderado para formar opiniões, compartilhar informações e conhecimentos. Utiliza-se para aprendizagem colaborativa, para socialização, para buscas e pesquisas, divulgação. Enfim, uma forma de comunicar global e rápida. As Redes Sociais estão na ordem do dia dos indivíduos e dão sentido à sociedade do conhecimento e a Cibercultura.

Para Jonassen (1996)[11] o uso das tecnologias como recursos para aprendizagem devem estimular professores e alunos a interagirem em equipe para solucionar problemas e desenvolver projetos significativos.

Com esse olhar, consideramos as redes sociais uma aliada importante para promoção da aprendizagem em tempos atuais. Desde os mais populares como o facebook, o whatsapp, o Google +, o twitter e o snapchat até outras não tão ampliadas como o linkedin entre outros. Elas servem para disponibilizar materiais de apoio e mesmo, promover discussões online. Cada vez mais elas integram o cotidiano dos alunos nas escolas e um professor que interage e conhece os interesses e percepções de seus alunos por este caminho, por exemplo, consegue criar aulas mais focadas e

interessantes para eles.

Debater sobre conceitos inovadores é dizer que o tempo está passando e que se nós, professores, não entendermos a real necessidade de fazermos uma prática de ensino diferencial seremos todos devorados por uma série de métodos e tecnologias que atraem e ao mesmo tempo dinamizam contextos de aprendizagem. Claro está que a capacidade de criar e reinventar maneiras e propostas de ensinar e aprender não nos serão destituída jamais, pois temos esta habilidade que pode ser traduzida em inúmeras experiências que colecionamos de forma competente, no entanto, pensamos que se podemos dar uma incrementada em nossas aulas, saberes e fazeres educacionais devemos atentar para a percepção de que quanto mais nos esforçamos para entrar no contexto da sociedade da informação, em que as mesmas circulam de forma veloz e são rapidamente, também, transformadas em conhecimento, mais as atuais gerações que precisam ser educadas e formadas social e profissionalmente, estarão interessadas e prontas para adquirirem novos conteúdos.

Considerações Finais

Para entendermos as transformações ocorridas no cenário da educação e suas interfaces com o uso da tecnologia cada vez mais presente, precisamos desenvolver determinadas habilidades e competências que apontem para criatividade, inovação, rápida capacidade de adaptação e flexibilidade, tais diferenciais encontram ressonância no conceito de inteligência emocional, tão necessário para processos de ensino-aprendizagem que exigem e produzem saberes com soluções e respostas imediatas para problemas de uma ordem muito variada de fenômenos. Precisamos valorizar a aprendizagem colaborativa, a interatividade e a presença das emoções como dado real que assessoram resultados consistentes na aprendizagem dos indivíduos em tempos atuais.

A apresentação de metodologias de ensino e plataformas educacionais em uma proposta inovadora de ensino-aprendizagem, surge no horizonte de nossas percepções a ideia de que com as transformações sociais profundas, seja nas exigências do mundo do trabalho impostas pelos desafios dos avanços tecnológicos, seja na criação de novos postos e ocupações de trabalho, seja na necessidade de adaptar-se à essas exigências, o novo profissional inovador e empreendedor volta-se para encontrar esta solução no cenário educacional, que não pode estar distanciado deste aparato de mudanças.

Os sistemas educacionais precisam ser e estar atualizados com certa dinâmica. Dinâmica que está diretamente vinculada às perspectivas da própria atualização da

estrutura social. Autores como Saviani (1987)[12] e Freitag (1986)[13], nos mostram a importância de conceber a integração dos sistemas educacionais com a estrutura social, entendendo esta como fundamentada pela superestrutura (composta também pelos sistemas escolares) e a infraestrutura, que diz respeito aos modos e maneiras como os homens produzem sua existência social. A tecnologia e a rede social está na estrutura social contemporânea. Essa relação se atualiza de acordo com movimentos e perspectivas de conservação e transformação. A formação educacional básica e superior é fundamental para o desenvolvimento social de um país.

Referências

COUTINHO, L. M; QUARTIERO, E. M. Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. *Perspectiva: Florianópolis*, v. 27, n. 1, jan. /jun. 2009.

JONASSEN, D. O uso das tecnologias na Educação à Distância e a aprendizagem construtivista. *Em aberto, Brasília*, n.70, ano 16, abr./jun., 1996.

LEVY, P. A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço. Lisboa: Instituto Piaget, 1994

MATTELART, Armand. História da sociedade da informação. 2. ed. Revista e atualizada.

NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

NOGUEIRA, A. C. Multimídia na Construção do Conhecimento. *Tecnologia Educacional*, 22, 1993.

NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PETERS, Tom. "O círculo da inovação." São Paulo: Harbra 4 (1998).

PRENSKY, M. Teaching digital natives: partnering for real learning. California: Corwin, 2010.

RIFKIN, Jeremy. A era do acesso. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.

TAPSCOTT, D. Geração Y vai dominar força de trabalho. ITWEB. 2008. Disponível <http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48473>. Acesso em 30/10/2008.

- [1] NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.
- [2] NOGUEIRA, A. C. Multimídia na Construção do Conhecimento. Tecnologia Educacional, 22, 1993.
- [3] LEVY, P. A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço. Lisboa: Instituto Piaget, 1994
- [4] TAPSCOTT, D. Geração Y vai dominar força de trabalho. ITWEB. 2008. Disponível <http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48473>. Acesso em 30/10/2008.
- [5] RIFKIN, Jeremy. A era do acesso. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.
- [6] PRENSKY, M. Teaching digital natives: partnering for real learning. California: Corwin, 2010.
- [7] COUTINHO, L. M; QUARTIERO, E. M. Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. Perspectiva: Florianópolis, v. 27, n. 1, jan./jun. 2009.
- [8] MATTELART, Armand. História da sociedade da informação. 2. ed. Revista e atualizada.
São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- [9] NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- [10] PETERS, Tom. "O círculo da inovação." São Paulo: Harbra 4 (1998).
- [11] JONASSEN, D. O uso das tecnologias na Educação à Distância e as aprendizagem construtivista. Em aberto, Brasília, n.70, ano 16, abr./jun., 1996.
- [12] Saviani, Dermeval. "Política e educação no Brasil." (1987): 130-40.
- [13] Freitag, Bárbara. "Educação, Estado e sociedade." São Paulo: Moraes(1986).